
SOBRE A QUESTÃO DO MULTILINGUISMO NA INFÂNCIA¹

L.S.Vigotski

Tradução: Zoia Prestes*

A questão da influência do bilingüismo, na pureza do desenvolvimento da fala materna da criança, assim como no seu desenvolvimento intelectual geral, não pode ser considerada resolvida. Vemos, em seguida, que ela representa, essencialmente, uma questão complexa e polêmica, necessitando de pesquisas especiais para a sua solução. Observamos, ainda, que agora o desenvolvimento da questão não permite supor que esta questão receberá uma resposta simples e singular. Ao contrário, todos os dados apresentados demonstram que a solução será extremamente complexa e dependerá da idade das crianças, do caráter do encontro das duas línguas e, finalmente (e o mais importante), da ação pedagógica no desenvolvimento da fala materna e estrangeira. Uma questão já é certa: as duas línguas, dominadas pela criança, não se chocam mecanicamente e não seguem as simples leis de *entramento* mútuo.

Sendo assim, fica claro que, para a pedagogia e o trabalho cultural nas áreas em que o multilingüismo é o fato principal no desenvolvimento da criança, a questão das formas de ensino da língua na infância deve ser detalhadamente desmembrada. Apesar de o problema do multilingüismo não poder ser considerado resolvido, atualmente, os fatos que fundamentam diferentes teorias não perdem suas evidências por não termos abarcado toda sua multiplicidade na sua coerência do ponto de vista teórico da concepção.

E estes fatos nos dizem que o bilingüismo pode transformar-se, em dadas situações, num fator que compromete o desenvolvimento da fala materna, assim como todo o desenvolvimento intelectual. Mas os dados não menos convincentes e verdadeiros nos falam, ao mesmo tempo, que o bilingüismo pode não acarretar conseqüências maléficas e pode ser, (como demonstraram observações sérias de algumas crianças e algumas pesquisas em massa mais complexas), o fator favorável para o desenvolvimento da língua materna da criança, assim como seu crescimento intelectual geral.

Não vamos agora trazer outras observações individuais, análogas à observação de Ronj sobre o bilingüismo das crianças na pequena infância. Precisamos dizer somente que outros estudos também, como de Pavlovitch – um lingüista sérvio que observou o desenvolvimento lingüístico do seu filho que cresceu em Paris e que dominava os idiomas sérvio e francês, assim como a observação de Folts de seus dois filhos que foram ensinados a dois idiomas – malaio e alemão – nos levam a mesma conclusão que pudemos fazer baseando-nos na pesquisa sistemática de Ronj. Para cada uma das duas línguas na psíquica da criança, forma-se, como se fosse uma esfera suplementar própria, um tipo de orientação, segundo Stern, que atrapalha o simples cruzamento mecânico dos dois sistemas lingüísticos.

¹Traduzido do russo, compõe o livro “O desenvolvimento intelectual das crianças durante o processo de aprendizagem”, 1929

*Mestre em Educação pela Universidade Lenin de Pedagogia de Moscou. Professora substituta da Universidade de Brasília.

Mas estas mesmas observações demonstram que no desenvolvimento da linguagem da criança ocorrem grandes dificuldades: quando as condições de educação não garantem a formação destas esferas suplementares mais ou menos independentes para cada idioma ou quando a criança está entregue a mistura casual de diferentes sistemas lingüísticos, quando os dois se misturam desordenadamente, ou melhor, quando o bilingüismo infantil se desenvolve de forma espontânea, fora de uma ação direcionada da educação, os resultados são negativos.

Assim, chegamos à principal conclusão de que podemos dizer, que é a ação pedagógica. O papel orientador da educação, em nenhum lugar, adquire este significado decisivo no destino da fala e do desenvolvimento intelectual como em casos de bilingüismo ou multilingüismo da população infantil. Dessa forma, fica claro que a realização de pesquisas especiais sobre a influência deste fator, em toda sua diversidade de significados, e não só no sentido do *entravamento* mútuo dos dois sistemas lingüísticos e da consciência da criança, é uma premissa necessária para a elaboração do método científico sobre o desenvolvimento da linguagem desta criança que é extremamente complexo e combinado com dados psicológicos sobre o desenvolvimento lingüístico desta criança. Gostaria de destacar algumas reflexões teóricas sobre a elaboração destas futuras pesquisas. Já falamos, anteriormente, que a grande deficiência de todas as pesquisas realizadas, até hoje nesta área, incluindo as de Epstein, é a inconsistência metodológica e teórica daquelas premissas, sob a luz das quais esses autores apresentam e estudam a questão que nos interessa.

Assim, por exemplo, as pesquisas psicológicas atuais não nos permitem olhar para as relações entre o pensamento e a linguagem como para uma simples conexão associativa de duas representações para a qual a lei básica é a lei de *entravamento* mútuo. No entanto, basta recusar-se desta representação equivocada que com ela cai toda concepção de Epstein a qual é toda determinada por esta representação incorreta. O problema do pensamento e da linguagem leva o psicólogo a conclusões relativa e incomensuravelmente bem mais complexas que aquelas conexões e dependências que estão na base desta função superior e especificamente humana. Sendo assim, então a própria dificuldade deste fenômeno precisa necessariamente de controle de nossa parte.

Uma deficiência análoga, diferente pelo conteúdo, mas semelhante pela forma, encontramos em outras pesquisas que foram realizadas principalmente utilizando o material de teste. Não é hora de discutir detalhadamente a crise que vive a testologia atual. Basta dizer que o empirismo radical da pesquisa com testes leva a total inconsistência teórica dos testes, basta desejarmos utilizá-los num estudo comparativo de grupos diversificados por sua composição social. Os testes e os padrões fundamentados neles são, em sua maioria, nada mais que métodos empiricamente encontrados da pesquisa, chegando a resultados mais ou menos constantes e empiricamente estabelecidos com a conservação das condições básicas inalteradas. Mas não sabemos, ao aplicar a maioria dos testes, qual é a natureza psicológica das funções que são acionadas durante a resolução do problema no teste. Não podemos, por exemplo, determinar com maior precisão quais são a estrutura e o método das operações intelectuais que a criança utiliza ao resolver os testes de Binet. Conseqüentemente, não podemos estabelecer a que motivo deve ser atribuída a diferença desses testes nos dois grupos de crianças comparados por nós: será que é somente pelo fator de multilingüismo num caso, e de monolingüismo no outro, que esta diferença é determinada ou aqui entram em ação fatores bem mais poderosos, bem mais amplos por seu significado e que definem o andamento geral do desenvolvimento intelectual? A característica puramente somatória que obtemos com o auxílio desses testes não nos permite responder a esta questão com total segurança. Mas basta esclarecer criticamente às pesquisas, sobre as quais falamos mais acima, para ver como freqüentemente os pesquisa-

dores eram induzidos ao erro pelos testes e relacionavam ao multilingüismo aquilo que deveria ser relacionado a todo o complexo das condições sociais como um todo.

Se quisermos apresentar especialmente um fator de multilingüismo e suas influências, então devemos seguir por um dos seguintes caminhos: igualar todas as outras condições, ou seja, selecionar os grupos em condições sociais totalmente semelhantes e que se diferenciam entre si somente pelo bilingüismo, ou então devemos nos recusar da avaliação somatória do teste do desenvolvimento intelectual geral e caminhar na direção da análise psicológica profunda. Isso nos ajudará estabelecer qual é a origem das funções diretamente afetadas pelo bilingüismo, que dependem diretamente dele, que estão ligadas a ele pela conexão direta causal e que são submetidas a sua influência somente indiretamente por parte desta circunstância e encontram sua explicação em outros momentos.

A pesquisa psicológica do problema do nosso interesse deva seguir pelos dois caminhos apontados aqui, a fim de que possam nos levar ao esclarecimento do problema em toda sua complexidade. A segunda reflexão, que nos parece tão necessária quanto a primeira e que também decorre da avaliação crítica das pesquisas anteriores, é que todo o problema de bilingüismo deve ser tomado não de forma estática, mas dinamicamente, no aspecto do desenvolvimento da criança. Do ponto de vista científico, é inconsistente a apresentação da questão que encintraria no trabalho de Epstein e de outros autores. Não se pode indagar se o bilingüismo é um fator favorável ou é um *entravamento* sempre e em todas as circunstâncias, independentemente das condições concretas nas quais transcorre o desenvolvimento infantil e das conformidades deste desenvolvimento que mudam em cada degrau etário.

Por isso, a passagem para a pesquisa concreta, que considere a toda totalidade dos fatores sociais do desenvolvimento intelectual infantil, assim como para a pesquisa genética, que tenta observar, no âmbito do processo do desenvolvimento infantil, a diversidade de suas alterações qualitativas, consistem em duas regras que, pelo visto, deverão ser apreendidas pelos nossos pesquisadores.

E finalmente, a terceira reflexão sobre a realização dessas pesquisas gerais é a exigência de sair, da superfície durante o estudo dessa questão, e, da consideração dos sinais e indicadores externos, para a profundidade e para a análise da estrutura interna daqueles processos que, indiretamente, estão interessados no desenvolvimento da linguagem da criança. De um ponto de vista, a ampliação e o aprofundamento do problema já foram feitos durante o desenvolvimento das pesquisas anteriores e tivemos a oportunidade de demonstrar isso, desenvolvendo este problema ao sair dos limites estreitos da apresentação inicial da questão.

A questão do multilingüismo infantil não é, agora, somente uma questão sobre a pureza da língua materna dependendo da influência da segunda língua, mas uma questão bem mais complexa e bem mais ampla que inclui o estudo geral sobre o desenvolvimento da linguagem da criança em toda riqueza do conteúdo psicológico atribuído normalmente a este conceito. Todo desenvolvimento da linguagem da criança em geral, não somente a pureza de sua fala materna, em seguida, todo o desenvolvimento intelectual da criança e, finalmente, o desenvolvimento do caráter, o desenvolvimento emocional reflete a influência direta da fala.

A ampliação do problema nesta direção já foi levada em conta pelos pesquisadores anteriores. Dessa forma, uma área das influências lingüísticas no desenvolvimento da criança que até hoje permanecem pouco desvendadas e para as quais nós gostaríamos de chamara atenção no final deste artigo é a área das influências lingüísticas ocultas.

Para uma consciência ingênua, parece que a linguagem participa somente da atividade nas funções que incluem evidentemente a palavra pronunciada. Todos os chamados testes verbais con-

têm ou uma formulação verbal do problema oferecido ou a solução que exige uma formulação verbal. A esses testes, normalmente, contrapõem-se os testes chamados mudos ou calados que não contêm a instrução lingüística ou a reduzem ao mínimo e sua resolução está na compensação conhecida das ações sem a evidente utilização da fala. A consciência ingênua admite que vale a pena, dessa forma, (de forma puramente externa), eliminar a evidente utilização da fala e então seremos capazes de excluir qualquer influência da língua nas operações intelectuais da criança e obteremos seu intelecto de forma pura e sem sobreamento das palavras.

Nossas pesquisas mostraram que este ponto de vista ingênuo não sustenta a crítica experimental. Realmente, a resolução dos chamados testes mudos exige, como condição obrigatória, uma área interna oculta da fala em forma dupla. Por um lado, estamos diante simplesmente da fala interna que sucede a externa. A criança que resolve a questão calada ainda não a resolve, no entanto, sem o auxílio da fala. A criança só troca os processos da fala externa pelos processos da fala interna que, é claro, se diferenciam qualitativamente dos processos da fala externa, mas representam um nível mais complexo e mais elevado em seu desenvolvimento. Assim, o pesquisador, introduzindo o teste mudo e pensando que dessa forma descarrega a operação da criança de participação da fala, na verdade, imperceptivelmente, para si mesmo introduz esta fala de forma oculta, em forma de fala interna, ou seja, de forma mais difícil para a criança. Sendo assim, dificulta ainda mais a parte verbal do teste sem eliminar a influência da fala, mas apresentando exigências ainda mais elevadas com relação ao desenvolvimento da linguagem da criança. Para a criança é mais difícil resolver a questão com o auxílio da fala interna do que com a fala externa, já que a fala interna representa um nível mais elevado no desenvolvimento da linguagem.

Mas uma outra forma de influências ocultas da fala revela-se ainda mais interessante. O teste mudo, que exige da criança uma ação consciente, pensada e complexa pode não participar como uma parte obrigatória da fala interna ou pode alcançá-la de forma insignificante. No entanto, o teste apresenta à ação exigências tais que podem ser realizadas somente com um elevado desenvolvimento do intelecto prático infantil. Mas as pesquisas, por sua vez, mostram que o desenvolvimento do intelecto prático infantil acontece com o auxílio da fala. Sendo assim, se a fala não participa da solução do problema exigida pelo teste do mundo, imediatamente, (no exato minuto de sua resolução), ela participou, já que formava a condição necessária do próprio desenvolvimento do intelecto prático da criança.

Não se pode esquecer da tese fundamental da moderna psicologia do pensamento formulada por um dos pesquisadores, da seguinte forma: a capacidade de pensar de forma humana, sem palavras, diz ele, dá-se, ao fim das contas, somente através da fala. Assim, eliminar os fatores da fala revela-se uma tarefa difícil, pois, quando colocamos a fala pela porta afora, ela entra pela janela e os pesquisadores não devem ignorar toda a diversidade e a originalidade qualitativa dessas diferentes formas de participação da fala nas operações intelectuais da criança.

Mas nem tudo se limita somente ao pensamento e ao intelecto prático da criança. Já sabemos como a fala está estreitamente ligada à situação da criança ser destra ou canhota. Poderia-se demonstrar que as mesmas interdependências existem com relação ao emocional e até com relação ao caráter. Os pesquisadores anteriores afirmaram que a conformidade de algumas alterações do desenvolvimento emocional e do caráter da criança são dependentes da fala. Há todas as razões reais e teóricas para afirmar que não só o desenvolvimento intelectual da criança, mas a formação do seu caráter, o desenvolvimento de suas emoções e de sua personalidade em geral está numa rela-

ção direta com a fala e, conseqüentemente, devem revelar em diferentes níveis a conexão com o bilingüismo ou o monolingüismo no desenvolvimento da linguagem.

Desta forma, o problema se amplia e adquire o seguinte aspecto: o bilingüismo deve ser estudado em toda sua amplitude e em toda a profundidade de suas influências no desenvolvimento psíquico da personalidade da criança de forma integral.

Somente esta abordagem do problema do bilingüismo é justificada com a situação teórica atual dessa questão.